

## SUGESTÃO PARA ABORDAGEM DE ADIVINHAS EM SEXTILHAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Núbia Verônica Ferreira Avelino

*Prefeitura Municipal de Campina Grande-PB – biaavelino13@gmail.com*

**Resumo:** Acreditamos ser atribuições principalmente da escola vivenciar a literatura popular, bem como estimular a circulação da cultura oral. Entretanto, muitas vezes a abordagem da literatura especialmente da poesia popular no âmbito escolar ocorre preterindo o prazer e transformando a literatura em arte que é, em mais uma tediosa atividade escolar. O que comumente observamos ser proposto são atividades meramente utilitaristas, enfadonhas, que cobram respostas padronizadas. Este trabalho se faz relevante, pois resgata a literatura popular na fase inicial de escolarização. Para tanto, temos como objetivo desenvolver nas crianças, também na etapa da educação infantil, as habilidades de comunicação, nas suas mais variadas formas, incentivando sobretudo a expressão oral e o estímulo à imaginação. Classificamos esta pesquisa como descritiva (GIL, 2008), tendo como metodologia a aplicação de atividades a partir de adivinhas, em forma de sextilhas para turmas do nível IV/Pré II da educação infantil. Nos valem dos estudos de Piaget (2010) sobre o desenvolvimento cognitivo da criança e Pinheiro (2007) quanto a poesia em sala de aula. Esperamos que, nesta experiência de contato com a literatura popular, as crianças, possam experimentar a imersão lúdica, que em nosso entendimento deve perpassar as atividades escolares principalmente nessa fase de escolarização tendo em vista o desenvolvimento integral desses aprendizes. cremos ainda, que a criança aos cinco anos de idade diante da brincadeira das adivinhas será desafiada a ouvir, a falar, a lê, enfim a superar-se, reelaborando seu pensamento ao criar e frustrar suas hipóteses, desenvolvendo a linguagem e o raciocínio lógico.

Palavras-chave: educação infantil, expressão oral, literatura popular.

### INTRODUÇÃO

Defendemos ser atribuições da escola vivenciar a literatura popular, bem como estimular a circulação da cultura oral. Entretanto, muitas vezes a abordagem da poesia popular no âmbito escolar ocorre preterindo o prazer. O que é comumente proposto são atividades meramente

utilitaristas, enfadonhas, que cobram respostas padronizadas, afastando muito mais do que seduzindo as crianças para o deleite dessa literatura.

Neste trabalho propomos algumas atividades a partir de adivinhas, em forma de sextilhas para turmas do nível IV da educação infantil. Valorizamos a dimensão lúdica, que em nosso entendimento deve perpassar as atividades escolares, e tínhamos em vista o desenvolvimento integral das crianças. Acreditamos que a criança nesse fase de escolarização diante da brincadeira das adivinhas será desafiada a superar-se, reelaborando seu pensamento ao criar e frustrar suas hipóteses, desenvolvendo a linguagem e o raciocínio lógico, enriquecendo o seu vocabulário, e expandindo, deste modo, o seu conhecimento textual e de mundo. Como objetivo pensamos desenvolver nas crianças habilidades de comunicação, incentivando-as sobretudo a expressão oral e o estímulo à imaginação, através do contato lúdico com as adivinhas em forma de sextilhas.

Antes dessa sugestão pedagógica, tratamos das atividades desenvolvidas na Educação Infantil em relação às necessidades de aprendizagem de crianças entre 5 e 7 anos. Em seguida, defendemos o lugar da oralidade e da cultura popular na (EI). Justificamos ainda nesse ponto nossa opção pela abordagem de adivinhas em forma de sextilhas, além de comentarmos as estrofes selecionadas para a nossa proposta.

## **EDUCAÇÃO INFANTIL: ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E NECESSIDADES DE APRENDIZAGEM**

No tocante às atribuições educativas, a Educação Infantil conviveu historicamente com duas situações extremas, ou era considerada um mero espaço para recreação ou um local para promover a alfabetização forçada. Entretanto, hoje, estão cada vez mais fortalecidas novas perspectivas que a concebem como um ambiente pautado na indissociabilidade entre o cuidado e a educação, caracterizando-se, portanto, como lugar propício para o desenvolvimento integral da criança, isto é, físico-social, intelectual e emocional.

Entre os objetivos estabelecidos pelas diretrizes da *Política Nacional da Educação Infantil* há o compromisso do Estado de “assegurar o atendimento integral à criança, considerando seus aspectos físico, afetivo, cognitivo/linguístico, sociocultural, bem como as dimensões lúdica, artística e imaginária.” (BRASIL, 2006, p. 20). Nesse sentido, o processo pedagógico deve

considerar as crianças em sua totalidade, observando suas especificidades, as diferenças entre elas e sua forma privilegiada de conhecer o mundo por meio do brincar.

De nossa parte defendemos que o investimento no lúdico figura entre as estratégias mais produtivas para incitar o desenvolvimento integral da criança. Isto é, a criança precisa brincar, sentir prazer e alegria para crescer, necessita da brincadeira como forma de equilíbrio entre ela e o mundo. Neste esteio, defendemos que as atividades escolares devem ter em vista o envolvimento prazeroso dos aprendizes em seu processo de aprendizagem.

Dentre outras vantagens, a abordagem lúdica no domínio escolar favorece o desenvolvimento das habilidades de comunicação, nas suas várias formas, incentivando a expressão oral dos educandos, bem como propiciando às crianças a interação com seus pares. Além disso, as brincadeiras em sala promovem o desenvolvimento intelectual, através do estímulo à imaginação, por meio do exercício da atenção, bem como pelo uso progressivo de processos mentais mais complexos.

No tocante a tais processos mentais, Jean Piaget postulou, em sua teoria sobre o desenvolvimento do conhecimento nos seres humanos, a existência de quatro fases, entre as quais figura o estágio pré-operatório. Neste período, que abrange a faixa etária de 2 a 7 anos, o mundo interior ainda prevalece sobre as relações cooperativas com o outro. Neste estágio o acontecimento mais expressivo é o aparecimento da linguagem, o qual acarretará modificações nos aspectos intelectual, afetivo e social da criança.

Segundo o estudioso em questão, as crianças em idade de 6 anos já apresentam um significativo avanço no desenvolvimento da linguagem, pois terão superado a fala egocêntrica (2 a 4 ou 5 anos), e vão ser tornando, a partir de tal superação, cada vez mais intercomunicativas e capazes de construir outras formas de representações mentais. Em geral, na faixa etária de 5 a 7 anos o pensamento das crianças caracteriza-se pelo desenvolvimento do raciocínio pré-lógico ou pré-operacional, que seria uma lógica ainda bastante ligada ao concreto.

Após estas breves considerações acerca do desenvolvimento cognitivo e da linguagem em crianças de 5 a 7 anos, faixa etária para a qual destinamos as nossas sugestões, tratamos da oralidade e da cultura popular no domínio da Educação Infantil.

## **ORALIDADE E CULTURA POPULAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Sabemos que as crianças das sociedades letradas já ingressam na escola com grande experiência com as linguagens oral e escrita e já pensam sobre também sem maiores interferências

dos adultos. Porém os educadores devem cultivar essa experiência provocando fascínio e encanto, fazendo com que a cultura popular seja valorizada e difundida em sua essência com maior frequência e naturalidade.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil estabelece que os conteúdos ligados à área de “Linguagem Oral e Escrita” devem ser divididos em três eixos nas turmas de crianças cuja faixa etária esteja compreendida entre 4 e 6 anos de idade, a saber: falar e escutar, práticas de leitura e práticas de escrita. Deste modo, através de um trabalho planejado, tendo em vista as práticas orais, a leitura e a escrita são apresentadas às crianças de forma integrada e complementar. Para tanto, o objetivo foi de potencializar, através do jogo com as palavras, os diferentes aspectos que cada uma dessas linguagens exigiu das crianças.

Com efeito, desenvolver a oralidade é uma das habilidades que se espera nos primeiros anos de escolaridade. Em turmas de Educação Infantil, é possível valorizar a oralidade de diversas formas, pois em consonância com Pondé (*apud* PINHEIRO, 2008) “a iniciação à linguagem poética principia com o folclore infantil através de *acalantos, parlendas, adivinhas e cantigas de roda* numa trajetória que obedece aos níveis de elaboração da linguagem que a criança vai superando.” Ou seja, respeitando os estágios de desenvolvimento cognitivo das crianças, através de atividades bem planejadas, as tradições e os jogos populares podem render abordagens bastante produtivas no âmbito da educação infantil.

Notadamente, os brinquedos cantados e jogos verbais, que outrora fizeram parte das tardes nas calçadas durante conversas entre vizinhos, em momentos de descontração dos pais, na presença das crianças, tem se tornado cada vez mais raro. Diante disso, a escola tem procurado promover a vivência das crianças com as parlendas, os trava-línguas, as cantigas de rodas, as adivinhas, entre outras manifestações da cultura popular oral. De forma lúdica, tais brincadeiras ampliam as possibilidades de comunicação e expressão, podendo, inclusive, suscitar o interesse das crianças por outros vários gêneros orais e escritos.

Duas particularidades foram essenciais para que escolhêssemos o gênero adivinha para elaborarmos a nossa proposta pedagógica, a saber: o interesse e o gosto das crianças por enigmas, bem como sua importância para o estímulo ao raciocínio. Além desses aspectos, consideramos o fato de mesmo após sua decifração as adivinhas não perdem a graça, pois as crianças nessa idade são também atraídas pela repetição e musicalidade.

Ainda a respeito das adivinhas, João Coutinho de Oliveira (*apud* CASCUDO) afirma que nelas encontramos o mecanismo de formação das ideias e dos conceitos formulados por analogia,

antinomia ou assimilação, o que explicita o poder de descrição e definição existente na cultura popular. O estudioso ressalta ainda a “preocupação de insular o objeto definido na conceituação da fórmula enigmática, a arte refinada, sutil, aguçada, com que se entretece a ideia objetiva”. (OLIVEIRA *apud* CASCUDO, 1998, p. 13) Do ponto de vista pedagógico, cremos que o gênero adequa-se às necessidades de aprendizagem das crianças de 5 a 7 anos, respeitando sua etapa de desenvolvimento cognitivo. O gênero em questão provoca a curiosidade, incita o prazer da descoberta, desenvolve o pensamento através de analogias a curiosidade, incita o prazer da descoberta, desenvolve o pensamento através de analogias.

Relativamente à estrutura das adivinhas, optamos por sextilhas, que são as estrofes mais comuns na poesia popular, pois elas facilitam a memorização, podendo ser facilmente decoradas e transmitidas oralmente. Por esse motivo, reforçam ainda mais a ligação com a cultura popular através dos gêneros orais. Os versos, cujo esquema rítmico é “xaxaxa”, tornam-se pistas, que reclamam a participação das crianças. Isto é, a resposta para a adivinha faz parte da estrofe, rimando com os versos pares, o que estimula a criança a, além de ficar atento às rimas, se divertir com o jogo sonoro proposto.

Lidas em voz alta, as adivinhas em sextilhas estimulam as crianças a pensar, pois elas ficam atentas às rimas e acabam se divertindo em meio ao jogo com as palavras e ideias. Nessa perspectiva, essa brincadeira com a linguagem exige lógica, raciocínio e conhecimento de mundo, contribuindo, portanto para o desenvolvimento cognitivo e da linguagem das crianças.

Selecionamos seis sextilhas, todas tem por temática os animais, são ricas em sonoridade e ritmo; quatro delas fazem parte do *Cordel para crianças*, de Pedro Costa, remetem à galinha, ao papagaio, ao cachorro e à vaca. Em algumas estrofes, o autor investe em onomatopeias, em outras, é caso da adivinha do papagaio, sobrepesa a dimensão plástica e imagética. Nas adivinhações da vaca e do cachorro, Pedro explora particularidades dos animais em relação aos seres humanos. As demais sextilhas são da autora Isaura de Melo Souza, fazem parte do cordel *Criança responde*, nelas a autora envolve o cavalo e a lagartixa em enigmas, mesclando características físicas desses animais e a relação dos mesmos com os seres humanos. Feitas tais considerações acerca das estrofes e de seus respectivos autores, passemos à sugestão.

Tivemos como público-alvo, crianças entre 5 e 6 anos; Série: Pré II/ Nível IV da Educação Infantil. O nosso objetivo foi o de desenvolver nas crianças, na etapa da educação infantil, as habilidades de comunicação, nas suas mais variadas formas, incentivando sobretudo a expressão oral e o estímulo à imaginação, através do contato lúdico com as adivinhas em forma de sextilhas.

As adivinhas em forma de sextilhas abordadas foram:

“Tem pernas, asas e bico  
Bota ovo e se aninha  
Voa baixo e cisca muito  
Dorme em poleiro, é baixinha  
Choca e faz coro-cocó  
O nome dela é? GALINHA”

“Maior do que periquito  
Colorido como um raio  
Levando ele pra casa  
Pra falar basta um ensaio  
Atende como meu louro  
O nome dele é? PAPAGAIO”

Ela é mansinha e dá leite  
Na fazenda se destaca  
Tem chifre, ruge e faz mon...  
Na força ela não é fraca  
Seu bebê é o bezerro  
Sabe quem é? É a VACA

É o vigia da casa  
Ao dono presta socorro  
Corre, late e fareja  
Até em cima de morro  
Melhor amigo do homem  
Que bicho é esse? O CACHORRO”

Em toda fazenda tem  
Para um peão domá-lo  
Primeiro se bota a sela  
Para o vaqueiro montá-lo  
Tem quatro patas, relincha  
Como é o nome? CAVALO

Parece um jacaré  
É muito feia e espicha  
Vive por cima de pedras  
Olha pra gente e capricha  
Balança muito a cabeça  
Quem é ela? É a LAGARTIXA

Através de uma conversa informal, sondamos o conhecimento prévio das crianças sobre “adivinhas”, antes de procedermos às leituras. Nesse momento, não estávamos preocupados com a conceituação ou definição das sextilhas, ao contrário disso, incentivamos a participação das crianças, mencionando, por exemplo, adivinhas da memória coletiva. Exploramos o que os aprendizes entendem intuitivamente por adivinhação e solicitamos deles alguns exemplos. Nas duas primeiras leituras de cada adivinha, lemos até o último verso sem, contudo, revelar o nome do animal em questão. Propomos a brincadeira da adivinhação às crianças. Repetimos diversas vezes as sextilhas, enfatizando, no momento da leitura, a sonoridade das adivinhas. As sextilhas foram transcritas em papel madeira e afixadas na parede da sala.

As crianças foram convidadas a interagir desde a primeira leitura do educador. As crianças participaram espontaneamente. Neste instante, a professora estimulou o debate para que as crianças defendessem seus argumentos. Nesse momento, ela avaliou as diferentes lógicas traçadas pelos aprendizes, tentando reconhecer quais critérios as crianças usaram para chegar a determinada hipótese. A professora também ajudou as crianças a descobrirem os sentidos figurados com base nos conhecimentos prévios e nas associações que puderam fazer.

As crianças foram oportunizadas a participar. Os mais tímidos foram instigados a tentarem, se permitir ao “erro”, demonstrando que, muitas vezes, o erro pode servir de caminho para o acerto. Coube à professora ajudar os educandos a eliminar respostas que mesmo parecendo lógicas, pelo fato de rimarem, por exemplo, não eram aceitas nas adivinhas por não condizerem com as características dos animais. Esse momento pode render uma boa discussão entre os aprendizes – o que aconteceu após a leitura. Investindo na expressão corporal das crianças, a professora pediu a elas que imitassem o modo de locomoção dos animais em questão e propôs às crianças que reproduzissem os sons emitidos pelos animais, enquanto imitam os movimentos. Partindo das sextilhas, os aprendizes puderam criar situações novas imaginariamente e representá-las, adiante, livremente através de desenhos, pinturas ou modelagem com massa ou outros materiais, que foram feitos no papel madeira em que figuraram as adivinhas.

Houve discordância nas respostas dos pequenos, e a professora repetiu as adivinhas e solicitou a ajuda dos aprendizes que já tinham decifrado seus enigmas. As crianças voluntárias foram orientadas a dramatizar ou imitar os movimentos dos animais a serem adivinhados. Essa estratégia também pode ser utilizada apenas como um jogo em que uma criança, que já sabe a resposta, auxilia uma dupla ou grupo imitando o animal da resposta. No decorrer da brincadeira, o educador propôs que as crianças respondessem as adivinhas de diferentes maneiras, conferindo estratégias para facilitar a identificação dos ouvintes.

Nesse momento as crianças foram estimuladas a prestarem a atenção no colega, a aprender esperar sua vez e a respeitar a expressão do outro. A oportunidade do diálogo e de reformulação de hipóteses promoveu um rico momento de interação, essencial para o desenvolvimento cognitivo das crianças, pois conforme assevera Oliveira, “Se a criança não tiver a oportunidade para interagir, dialogar, confrontar pontos de vista, ela não estará suficientemente preparada para pensar” (1992, p.45).

Acreditamos na validade de, em um momento posterior à etapa de leitura, propiciar às crianças a liberdade de criar, recriar e recriar a partir das adivinhas. E com esse intento os encaminhamentos sugeridos contribuíram para o desenvolvimento afetivo e cognitivo das crianças. Com isso, exploramos o potencial criativo daquelas crianças.

As gravuras puderam ser portadoras de muitas informações, além de serem atrativas para os infantes, instigam sua curiosidade, estreitando o envolvimento dos aprendizes com as atividades para aprofundar seus conhecimentos. Por isso, apresentamos uma caixa com gravuras de vários animais, que faziam e que não faziam parte da lista das sextilhas lidas, as crianças puderam usá-las

para responder na leitura posterior, foi uma opção de auxílio na formação da imagem. Na própria gravura havia o nome do animal, com isso as crianças perceberam como se escreve o nome de cada animal.

A visualização do material escrito exposto na parede/mural também foi relevante para as crianças. Conforme foi explicitado anteriormente, as adivinhas foram afixadas em cartazes nas paredes. Contudo, cada criança recebeu cópias das adivinhas, para tê-las consigo, inclusive para acompanhar a leitura do professor (exceto nas primeiras leituras). Uma das adivinhas expostas no mural foi reescrita na presença das crianças, para que elas pudessem presenciar e aprender a respeito das convenções da grafia (da esquerda para direita, de cima pra baixo etc.).

Solicitamos aos educandos que buscassem, junto a seus familiares e/ou vizinhos, outras adivinhas para apresentá-las no dia seguinte à turma. Através desse tipo de atividade a escola procurou aproximar os pais e a comunidade do cotidiano escolar, conferindo-lhes participação ativa na educação de seus filhos. Por fim, a docente incentivou a criação de pelo menos uma adivinha pelas crianças, que foi elaborada em duplas.

Com as adivinhas em sextilhas, lidas em sala, e as trazidas pelas crianças foi possível organizar uma coletânea de adivinhas. Em seguida, realizamos uma votação para que decidissem a(s) técnica(s) para ilustrar o “livro das adivinhas” (modelagem, desenhos, pinturas, dobraduras, carimbos, colagem etc.). O próximo passo foi elaborar coletivamente um convite, a fim de informar a colegas e professores de outras turmas, funcionários da escola e familiares sobre um recital de adivinhas. A produção do convite foi outra excelente oportunidade de usar a escrita com uma função social determinada.

Na ocasião do recital, além de expor um mural com as adivinhas criadas pelas crianças, foi apresentado aos convidados o livro ilustrado das adivinhas, a fim de valorizar a criatividade e expressão dos educandos, o que contribuiu para a afirmação de um autoconceito positivo dos mesmos e orgulho dos pais. O último passo foi organizar a ordem da apresentação no recital e ensaiar a turma para a apresentação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por acreditarmos na necessidade de valorizar a poesia popular, a oralidade e a dimensão lúdica no processo de ensino-aprendizagem das crianças, desenvolvemos este encaminhamento didático para a abordagem do gênero “adivinha” na Educação Infantil. Conforme dito, optamos pelo

referido gênero em forma de sextilhas, pois além de auxiliarem no desenvolvimento do raciocínio, aumentam a agilidade mental das crianças, estimulam a brincadeira com a linguagem e a capacidade inventiva dos aprendizes. No entanto é importante que o professor escolha tanto o gênero quanto os exemplares a serem trabalhados, considerando sempre o estágio de desenvolvimento da turma, para que não se torne um desafio indecifrável, e portanto, desinteressante.

Em relação à nossa escolha temática, devemos ressaltar que esta foi norteadada pelo fascínio das crianças pela natureza, especificamente, pelos animais. Mas é necessário advertir que o educador, frente às especificidades de sua turma, deve ter a sensibilidade para observar outros temas que poderão interessá-los e deverão ser também considerados. Esperamos ter contribuído de modo significativo para a circulação da cultura oral através da nossa proposta, que está aberta a revisões e ajustes, de acordo com as necessidades de cada turma.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. Referencial da Educação Infantil. - Brasília: MEC/SEF, 2001. Volumes 1, 2 e 3: conhecimento de mundo.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Básica. *Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação*. Brasília: MEC, SEB, 2006.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 6ªed. Belo Horizonte- Itatiaia: São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988
- COSTA, Pedro. *Cordel para crianças*. Prefeitura Municipal de Campina Grande- Projeto Cordel na escola, 2003
- GIOCA, Maria Inez. *O jogo e a aprendizagem na criança de 0 a 6 anos*. Universidade da Amazônia: Belém, 2001
- LERNER, Délia (trad.) Ernani Rosa. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MELLO, Ana Maria. [et al]. *Literatura infanto-juvenil: prosa & poesia*. Goiânia: editora UFG, 1995.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes... [et al.]. *Creches: crianças, faz de conta & Cia*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1992.

PIAGET, Jean. *Formação do símbolo na criança, imitação, jogo, sonho, imagem e representação*. São Paulo: Zahar, 1971.

PINHEIRO, Hélder. *Poesia na Sala de Aula*. (3ª ed. revista e ampliada) Campina Grande: Bagagem, 2007. 133 p.

\_\_\_\_\_. Tesouros da poesia popular para crianças e jovens. In: Actas do 6º Encontro Nacional (4º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração, Braga: Universidade do Minho, Outubro 2006.

\_\_\_\_\_ et al. Lendo e brincando com sextilhas e outros versos. (Texto Inédito)

SOUZA, Isaura de Melo. *Criança responde (cordel infantil)* Prefeitura Municipal de Campina Grande- Projeto Cordel na escola, 2003.